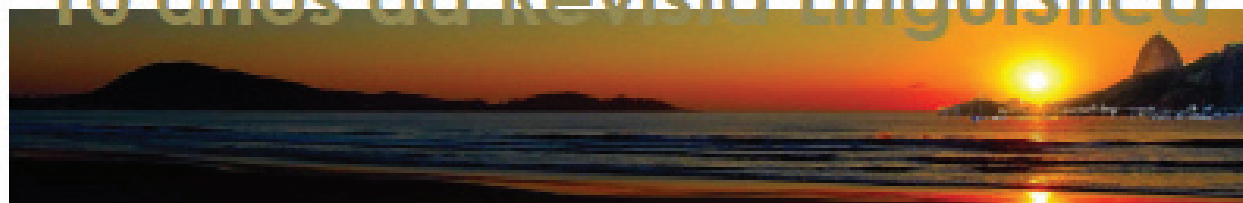


FRANÇA, Anieli I.; MAIA, Marcus. **Dez anos da Revista Linguística**. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 11, número 1, junho de 2015, p. I-VIII. ISSN 2238-975X 1. [<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>] DOI: 10.17074/2238-975X.2015v11n1pI

# 10 anos da Revista Linguística



## APRESENTAÇÃO

*Anieli Improta França\* (UFRJ/CNPq)\*\* e Marcus Maia(UFRJ/CNPq)*

A Revista Linguística, publicada pelo Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, está celebrando 10 anos de publicação ininterrupta. O presente número marca o alvorecer do segundo decênio do nosso periódico semestral que se consolidou em um lugar de destaque no cenário da Linguística no Brasil, atingindo marcos importantes que queremos divulgar para celebrar com nossos autores, leitores, colaboradores, enfim com toda a comunidade linguística.

Na sua primeira fase, a Revista Linguística estava ainda se conhecendo, testando o seu alcance, procurando a sua vocação. Trazia no título um ‘s’ maiúsculo no meio da palavra Linguística, como uma menção gráfica ao dialeto carioca que realiza a sibilante em coda silábica como uma fricativa palato-alveolar surda [ʃ], antes de consoantes surdas. Marcada a origem geográfica dos fundadores, ou seja, os professores do Programa de Pós Graduação de Linguística da UFRJ, queríamos também que a nova revista veiculasse artigos das linhas teóricas desses pesquisadores: Gramática Gerativa, Sociolinguística, Funcionalismo, Linguística Histórica, Fonética e Fonologia, Linguística Cognitiva, Estudos em Língua Indígenas, e Psicolinguística Experimental. Então resolvemos que os temas seriam variados número a número.

A Coordenadora à época da inauguração em 2005 era Lilian Ferrari, que deu o suporte fundamental naquele início. Era importante que a revista primeiro publicasse artigos atraentes dos professores da casa. Essa era a forma de convidar outros professores de fora do programa a apostarem na recém-chegada Linguística como veículo sério de divulgação de suas pesquisas.

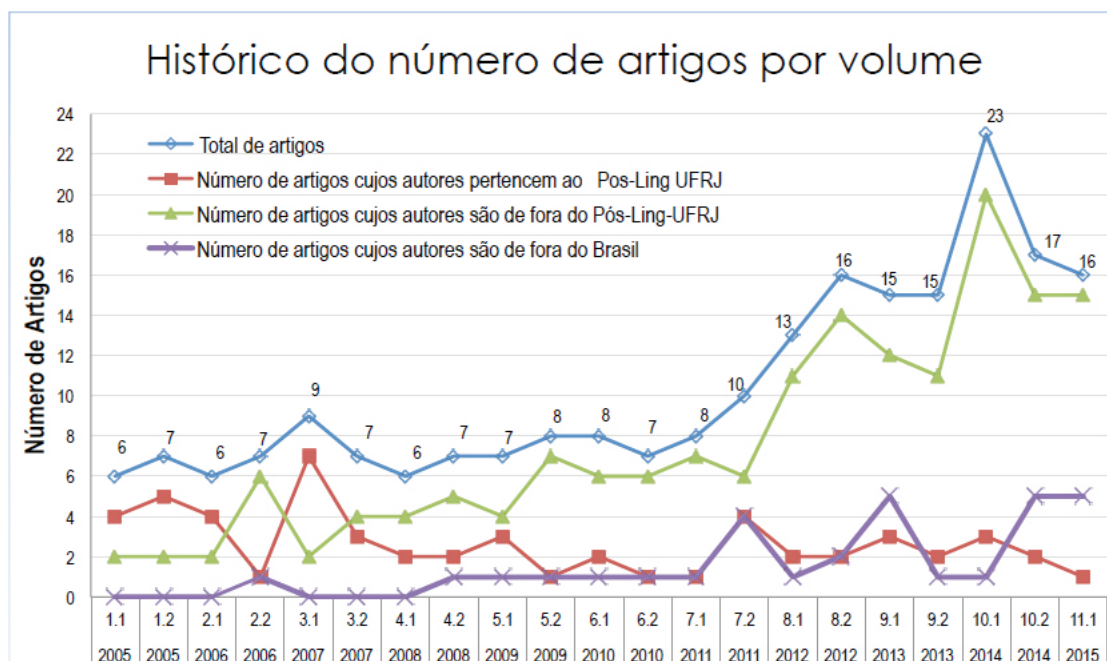
Observem então no Gráfico 1 que, nos primeiros 3 anos, os seis volumes publicados apresentaram, cada um, o total de 6 a 9 artigos (linha azul), sendo que só 2 ou 3 eram de autores de fora do programa. Essa endogenia acadêmica foi um pecado necessário e transitório, logo superado. Desde

\* [aniela@gmail.com](mailto:aniela@gmail.com)

\*\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

então, o número de colaborações internas é pequeno e sempre muito inferior ao das colaborações externas, como mostra o afastamento progressivo entre as linhas azul e marrom no Gráfico 1.

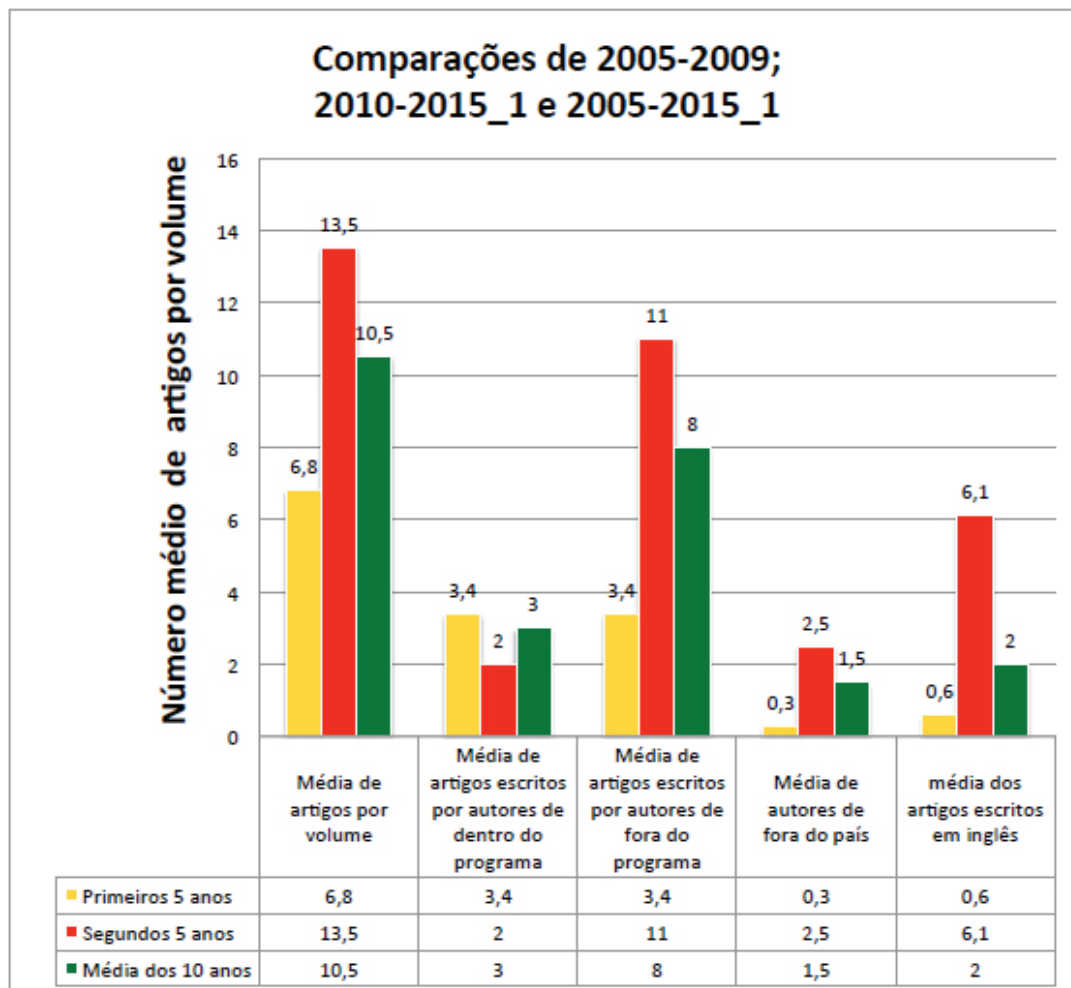
Em contraste, nos seis últimos volumes publicados nos últimos três anos, foram triplicados o número de artigos em relação aos três anos de início, atingindo em média 16 artigos, dos quais somente 2 ou 3 foram escritos por professores do programa. Este índice supera o ideal da CAPES para publicações de estrato A 1 de ter “mais de cinco artigos cujos autores sejam ligados a instituições diferentes daquela que publica o periódico”. Se tomarmos como exemplo apenas o último número, o de 2014.2, isto é, o anterior a este, enfocando o tema *Estudos sobre línguas indígenas*, organizado por Andrew Nevins e Bruna Franchetto, vemos que ele contou com artigos inéditos e de alta qualidade, assinados por pesquisadores doutores nacionais e internacionais, que atuam na USP, UNIFAP, UNICAMP, UFPE, PUC-Rio, UFPA, UFMG, UnB, MPEG, University of Texas at Austin e University of Massachusetts at Amherst, nos Estados Unidos.



**Gráfico 1:** Histórico do número de artigos por volume semestral da *Revista Linguística*

Durante os cinco primeiros anos de existência foi feito um trabalho imprescindível no estabelecimento das rotinas editoriais: a implantação do sistema de revisão cega por pares, a ativação e envolvimento do Conselho Editorial e a consolidação da identidade gráfica da Revista que era publicada até então em meio impresso e eletrônico. Os Coordenadores que sucederam à Lilian Ferrari – Celso Vieira Novaes e o saudoso Mário Martelotta – deram as suas contribuições na preparação da revista para a primeira avaliação da CAPES, que classificou a revista como publicação B1. Naquele momento da classificação já tínhamos Marcus Maia como Editor Responsável. Foi o Marcus, que por sinal é um dos editores desse número e co-autor dessa apresentação, que coordenou a revista como Editor Responsável nos últimos 5 anos, ou seja, durante toda a segunda metade de sua existência.

O Gráfico 2 faz uma comparação entre os números dos primeiros 5 anos e os dos últimos 5 anos e também apresenta uma média ponderada dos números totais da revista nos 10 anos. Queremos crer que nos últimos 5 anos a Revista chegou a sua maturidade como veículo de divulgação de pesquisa em Linguística e os números no gráfico nos apoiam em nossa reflexão. A média do número de artigos por edição dobrou e a média de colaborações internas caiu para praticamente a metade. Chegamos à proporção desejada.



**Gráfico 2:** Cinco aspectos da *Revista Linguística* comparados pelos números dos cinco primeiros anos, dos cinco últimos anos e por aqueles correspondentes a todo o decênio de sua existência.

A internacionalização da revista também tornou-se patente. Começamos a atrair colaboradores de programas de relevância de fora do país, que sempre publicam nas revistas mais importantes do mundo. Alguns desses colaboradores especiais nas páginas de nossa revista são: Lyn Frazier, Hella Olbertz, Elizabeth Traugott, Gabriela Matos, Michael Ullman, Armanda Costa, Heidi Harley, Regine Kolinsky, Graeme Trousdale, Marina Nespor, Uli Sauerland, Luiz Amaral, Anne Christophe, Rushen Shi, Wolfram Hinzen, Ana Maria Di Sciullo, entre outros. Vimos também aumentar muito o número de publicações em língua inglesa, que hoje equivalem a praticamente 50% dos artigos da revista. Artigos em inglês também são bons internacionalizadores já que facilitam que outras comunidades linguísticas internacionais possam ter acesso a nossa Revista. Seguindo uma tendência mundial,

suprimimos a edição em papel e, a partir de 2013, nos focalizamos em manter o site original da Revista com a possibilidade de acesso à totalidade dos artigos em PDF, além de introduzirmos todos os números antigos e atuais da revista em um site gerido pelo sistema SEER.

Nessa segunda fase também foram criadas três novas seções: o *Squib*, a Revisão Crítica e a Entrevista. Essas seções especiais trouxeram mais dinamismo e novos ângulos de observação da pesquisa linguística para os leitores.

O que os gráficos não mostram é que, se nos primeiros cinco anos houve ocasionalmente um pequeno atraso editorial ligado ao fato de as rotinas de publicação ainda estarem se estabelecendo, a partir da segunda metade de sua existência, portanto já há 5 anos, a *Revista Linguística* se tornou rigorosamente pontual, qualidade, infelizmente, nem sempre observada nas revistas acadêmicas do Brasil, até mesmo naquelas do Estrato 1A da CAPES.

Nosso processo de revisão editorial dos artigos submetidos é realizado por dois ou mais pesquisadores especializados na área de conhecimento do artigo. Utilizamos o sistema duplo cego que nos garante imparcialidade no fornecimento de um *feedback* valoroso para os autores sobre a qualidade dos seus trabalhos. Muitas vezes, o bom papel dos nossos revisores nacionais e estrangeiros tem sido explicitamente reconhecido pelos autores. A expansão do acesso aos periódicos por via eletrônica também vem propiciando debates mais frequentes e contribui para a digestão de questões e temas mais complexos.

Outro avanço que obtivemos nesses últimos anos diz respeito à indexação de periódicos científicos. A indexação se tornou indispensável como um registro oficial de conhecimento e informação. O processo permite que as informações possam ser indexadas e catalogadas para servir a uma ampla gama de usuários - pesquisadores, governo, órgãos públicos, entidades empresariais, instituições de caridade, tutores, alunos, profissionais e o público em geral. Assim, fizemos também a indexação da revista em agências do Brasil e do exterior e aderimos ao Creative Commons e à Diadorim. E, a partir desse número, já possuímos o registro DOI (Digital Object Identifier), como forma de fortalecer o crédito intelectual ao autor e, ao mesmo tempo, o direito ao acesso irrestrito aos conteúdos de nossas publicações, prestando, assim, uma efetiva contribuição científico-acadêmica para a comunidade. Esperamos que, no futuro próximo, possamos enfim vencer os impedimentos irreconciliáveis que vimos enfrentando até hoje para então chegarmos à indexação através do SciELO - Scientific Electronic Library Online.

Por fim, sendo uma de nossas colegas de Programa, Maria Carlota Rosa, Consultora da Linguística na Sub-Câmara para Integridade em Pesquisa na UFRJ, nos valemos desse suporte para garantir a implantação na nossa revista das *Diretrizes sobre Integridade Acadêmica na UFRJ*.

Acreditamos que a Revista Linguística tenha trazido uma efetiva contribuição científico-acadêmica para a área e tenha se tornado um selo de qualidade que indica que um artigo vale a pena de ser lido. Confiantes de termos feito um ótimo trabalho nesse decênio, começamos uma nova etapa para a Revista com esse número sobre Aquisição e Processamento de Linguagem que traz nomes fundamentais da área, além de algumas colaborações de participantes do *III International Psycholinguistics Congress*, que ficou conhecido como

*III IPC in Rio*, um evento organizado em conjunto pelo Programa de Pós-Graduação de Linguística da UFRJ e pela Pós-Graduação de Letras da PUC-Rio, em Março de 2015. É esse também um momento de transição em que a Linguística passa a ter como Editora Responsável Aniela Improta França, atual Coordenadora do Programa. Vamos então à apresentação da Edição de 2015\_1.

*O rapaz de branco ameaçou o outro de camisa azul com a faca.* Essa é uma frase que soa cada vez mais familiar para a nossa sociologia atual. Mas apesar da infeliz familiaridade, uma inspeção mais cuidadosa revela uma ambiguidade. Quem estava com a faca? O de branco ou o de azul? Na frase lida, a ambiguidade só pode ser resolvida pelo contexto explicitado em outro trecho da história. Mas na frase falada, haveria indícios acústicos para guiar nossa compreensão e desfazer a ambiguidade?

O início do interesse pelas pistas prosódicas embutidas nos sinais acústicos na fala pode ser demarcado pela tese de doutoramento de Lisa Selkirk (1972). Selkirk deu um passo além do célebre *The Sound Patterns of English* (Chomsky & Halle, 1968), se debruçando em particular sobre os padrões sonoros que se estabelecem entre duas arquiteturas independentes: a fonológica e a sintática. Reconhecendo o nível sintagmático da estrutura sonora como parte da competência linguística, e não do desempenho, como sugere o *Sound Patterns*, Selkirk inaugura uma nova área de estudos da prosódia que logo recebe outros expoentes como Marina Nespó (Sissa, Itália) com cujo artigo abrimos o corrente número da Revista Linguística. Ela assina o Squib inspirado que condensa os mecanismos fonológicos e pré-lexicais atuantes na aquisição de linguagem, e nos presta a contribuição de definir prosódia em sua forma mais fundamental.

A resenha crítica do artigo de Friederici and Singer (2015) - *Grounding language Processing on basic neurophysiological principles* - apresenta reflexões cuidadosas de Marije Soto (UERJ-I'Dor), membro de uma nova geração de pesquisadores em neurociência da linguagem, sobre a nova neurocartografia da linguagem. Marije elaborou um texto cheio de informações que podem ser muito úteis para auxiliar a leitura daqueles pouco íntimos com os aspectos neurofisiológicos do processamento.

Para completar as seções especiais temos a entrevista com Wolfram Hinzen, filósofo e linguista alemão da Universidade de Barcelona, na Espanha. A entrevista aborda pontos sobre linguagem e pensamento e enfoca o sistema de referência das línguas humanas em indivíduos controle e também no autismo e esquizofrenia. Hinzen nos ofereceu essa entrevista em março de 2015, quando esteve no Brasil para participar do evento III IPC in Rio, em março passado.

Depois das três seções especiais, temos a seção dos artigos com 13 contribuições. A primeira é o artigo inédito de Anna Maria Di Sciullo, da Universidade de Quebec Canadá, apresentado em palestras da autora no III IPC-Rio. Em um importante texto seminal, Chomsky (2005) propõe que três fatores devem ser considerados na arquitetura da linguagem humana, a saber, (1) a dotação genética, uniforme na espécie, (2) a experiência, responsável pela variação, e (3) princípios de eficiência computacional, que vêm sendo denominados de princípios de “terceiro fator”. O artigo de Di Sciullo substancia e caracteriza dois princípios de terceiro fator relacionados, portanto, à eficiência computacional da linguagem, a saber, os princípios *Minimize Symmetrical Relations* (minimalize relações simétricas) e *Minimize Externalization* (minimalize a externalização), procurando demonstrar a sua especificidade de domínio em relação à linguagem humana. A autora revê estudos psicolinguísticos, incluindo análise de

Sintagmas Nominais compostos recursivamente em Português Brasileiro, em que se identifica que dois constituintes máximos não podem ser mergidos diretamente, precisando, primeiro, ser mergidos com um núcleo funcional, de acordo com o princípio de minimalização de relações simétricas. Em línguas como o inglês, em que esse núcleo funcional não precisa ser pronunciado, observa-se a aplicação do Princípio de minimalização da externalização, permitindo compostos como *passport control* em que a preposição não precisa ser pronunciada na derivação do composto, ao contrário do que se dá em português (controle de passaporte). Di Sciullo, então, analisa numerais complexos e revê contribuições da Neurociência, para concluir que esses dois princípios de eficiência computacional atuantes na computação e no processamento linguísticos não afetariam a computação de fórmulas matemáticas.

Em consonância com as evidências de especificidade de domínio trazidas pelo artigo de DiSciullo, o próximo artigo, *A descoberta da língua materna pelo bebês*, por Alex de Carvalho e Alejandrina Cristia, ambos oriundos de laboratórios de aquisição de linguagem, da École Normale Supérieure, em Paris, França, exemplifica essas especificidades cognitivas, especialmente durante as primeiras fases da aquisição de língua materna por bebês. O artigo traz uma rica revisão de literatura, escrita em linguagem clara, que alcança profundidade teórico-metodológica sobre os assuntos discutidos e suscita ainda novos questionamentos a respeito dos mecanismos de percepção do sinal da fala e da estruturação sintático-prosódica por bebês.

A seguir, o artigo de Cristina Name (NEALP/UFJF/CNPq), Sabrina Teixeira (PUC-Rio), Danielle Uchôa (PUC-Rio), relata experimentos usando o paradigma do olhar preferencial, uma técnica experimental através da qual se pode captar a sensibilidade auditiva de crianças para especificidades linguísticas, levando-se em conta o tempo uma medida da atenção do bebê para o estímulo de fala. As autoras encontraram evidências que reforçam o achado na literatura de que a percepção precoce de palavras funcionais auxilia os bebês a adquirir e categorizar novas palavras. Sobretudo, o artigo traz uma contribuição importante para a área ao sugerir que os bebês conseguem localizar pseudopalavras funcionais até mesmo quando elas são manipuladas para serem fonologicamente fortes.

Ainda dentro da mesma área de produção e percepção do sinal da fala em relação a grupos de palavras de uma dada categoria sintática, temos uma contribuição oriunda de um renomado laboratório de Aquisição de Linguagem liderado por Rushen Shi na Universidade de Quebec em Montreal, Canadá. O artigo primeiro contribui com uma revisão ampla e muito didática dos achados nessa área. Em seguida o artigo apresenta dois experimentos-piloto de leitura/produção aplicados em participantes adultos. Com estímulos elegantemente estruturados para afastar vieses experimentais, os experimentos trouxeram evidências da existência de alguns tipos de pistas acústicas no sinal da fala, marcando as estruturas sintáticas. Portanto tais pistas acústicas poderiam servir aos bebês nos estágios precoces da aquisição de linguagem como o pontapé fundamental para deslanchar a aquisição da estrutura sintática da língua que estão adquirindo.

O artigo de Ferrari-Neto e Fernandes revê criticamente trabalhos sobre a aquisição de relações correferenciais, que os autores avaliam constituir um dos principais temas de pesquisa em Aquisição da Linguagem, nas últimas décadas, identificando que esses trabalhos, geralmente, não fornecem evidências comparativas sobre o custo de processamento dos Princípios A, B e C da Teoria da Ligação (cf. Chomsky, 1981). Os autores relatam, então, estudo psicolinguístico inédito baseado na técnica

experimental conhecida como *cross-modal picture-selection task*, para aferir comparativamente o custo de processamento imposto por cada princípio.

Dois artigos investigam um tema que também vem sendo objeto de muitas pesquisas em Psicolinguística nos últimos anos, o processamento da concordância. Em *Processamento da concordância variável no PB*, a equipe de pesquisadoras do Núcleo de Estudos em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística (NEALP/UFJF) apresenta estudo de audição automonitorada em que investiga o processamento da concordância entre o sujeito e o verbo, em português brasileiro. Entre outras conclusões interessantes, o estudo descobriu que a concordância não-redundante (e.g. as garota emagreceu) é uma opção gramatical aceita por falantes escolarizados do PB, ainda que a identificação do número tenha menor custo de processamento na variedade morfologicamente redundante (e.g. as garotas emagreceram).

Sob o ângulo da produção, Erica dos Santos Rodrigues contribui com o artigo *Concordância de gênero e número em estruturas predicativas no Português Brasileiro: um estudo experimental de produção induzida de lapsos*. A autora investiga o processamento da concordância de gênero e de número entre um DP complexo (e.g. a lâmpada dos postes) e um predicado nominal, através de um experimento de produção induzida em que se observou, além da concordância, a distributividade dos DPs, tomando-se como medida o número de lapsos produzidos. No experimento, 18 estudantes universitários formularam 576 sentenças a partir de estímulos linguísticos apresentados na tela de um computador, havendo-se detectado 184 erros de concordância que permitiram à autora estabelecer efeitos principais de distributividade e de gênero, além de interação significativa entre esses fatores.

Em *O objeto direto anafórico nos dados de produção espontânea de três bilíngues simultâneos de português brasileiro e inglês: a influência entre as línguas*, Augusto e Jakubów entretêm a interessante hipótese de que crianças adquirindo simultaneamente português e inglês abandonam a estratégia universal de omissão de argumentos de modo distinto de crianças monolíngues em cada língua. As autoras analisam dados de produção espontânea de três crianças entre 2;1 e 3;8 anos de idade, coletados longitudinalmente, concluindo que os objetos nulos na produção bilíngue excedem a taxa da aquisição monolíngue.

O nono artigo, *A representação em HPSG do clítico 'se' incoativo do espanhol na interlíngua de falantes de inglês e de português brasileiro: evidências da Teoria de Gramáticas Múltiplas*, estuda as diferenças no processamento do clítico 'se' incoativo em espanhol como L1 e também como L2 de falantes cuja primeira língua é o inglês ou o PB. Lawall (UFJF) utiliza os quadros teóricos da *Head-driven Phrase Structure Grammar* (Pollard & Sag, 1987) e da Teoria de Gramáticas Múltiplas (Amaral & Roeper, 2014) para analisar e discutir os resultados obtidos em um experimento psicolinguístico de julgamento de aceitabilidade.

Ainda sobre bilinguismo, o artigo de Souza & Soares-Silva explora uma medida de tamanho de vocabulário, o VLT (Vocabulary Levels Test) como uma ferramenta precisa e muito útil para medir desempenho de L2 sob pressão de tempo. O artigo encontra evidências de que o tamanho do vocabulário pode ser relacionado tanto à rapidez de acesso lexical quanto ao acesso sintático de falantes de L2.

Em *Sistemas de memória e processamento da linguagem: um breve panorama*, Mota apresenta a interface entre o processamento da linguagem e os sistemas de memória. Revisando a noção de memória desde o estudo seminal de Ebbinghaus (1885), que relaciona pioneiramente memória e linguagem verbal, Mota resume aspectos centrais do modelo multicomponencial desenvolvido por Baddeley (2007; 2009; 2015) para discutir, logo em seguida, os modelos neurocognitivos de Ullman (2001) e de Hagoort (2013). O artigo é concluído, indicando-se algumas linhas de pesquisa em que o papel da memória é diretamente relevante, tais como o estudo dos distúrbios da linguagem, a investigação sobre a memória semântica e a pesquisa na área do acesso lexical.

O decimo-segundo artigo é voltado ao ensino de língua de Capristano e Sousa Machado, intitulado *Uma análise quantitativa de rasuras ligadas à segmentação em enunciados produzidos no ensino fundamental*. As autoras analisam rasuras em um corpus de 1702 enunciados produzidos por 158 alunos do segundo ao quinto ano do ensino fundamental. Foram selecionadas 364 rasuras no corpus, que podem ser tomadas como pistas indicativas de duas possibilidades de segmentação vocabular divergentes, demonstrando-se a sua variabilidade quantitativa ao longo das séries escolares focalizadas no estudo.

O volume se encerra com o artigo em conjunto de Thiago Motta Sampaio, recém doutor pela UFRJ, Marcus Maia e Anielia França que se lançam em uma revisão histórica da Linguística, da Psicologia, da Psicolinguística e da Neurociência. Nesse trabalho, os autores discutem a forma como o objeto *Linguagem* é abordado no âmbito de cada uma destas disciplinas ao longo dos anos, culminando na inevitável aproximação entre elas através da Psicolinguística e da Neurociência da Linguagem.